

DO RELATÓRIO DO PROVINCIAL PARA O III CAPÍTULO PROVINCIAL MAPRAES

"À tua palavra lançarei as minhas redes" (Lc 5,5)

Construir fraternidade para renovar a missão

por Luigi Vaninetti, Superior Provincial do MAPRAES

Como tema para o III Capítulo Provincial MAPRAES, escolhemos o texto que abriu o terceiro milénio na história do cristianismo como um convite a olhar para o futuro. "*Duc in altum*", "**Faz-te ao largo**" (Lc 5,4), um forte convite que o Senhor nos dirige através da Igreja para que enfrentemos corajosamente os desafios da evangelização no terceiro milénio. A resposta de Pedro "**À tua palavra lançarei as redes**" exprime a decisão responsável e confiante dos discípulos. Já estamos a mais de vinte anos deste tempo do novo milénio, um tempo de mudanças rápidas e sem precedentes para a fé e a vida consagrada.

Longe de ser marcado pela nostalgia ou olhando apenas para o passado, o tempo que estamos a viver é projetado para as responsabilidades que nos esperam, para a alegre aventura de baixar as redes para pescar novamente e experimentar o poder da palavra de Deus. Somos chamados a recomeçar a partir da Palavra, a jogar nela toda a nossa vida como indivíduos e como Igreja: "*sobre a vossa palavra lançarei as redes*" (Lc 5,5). Estamos certos de que o Senhor ainda saberá como nos surpreender com a sua fidelidade e surpresas.

Ouvir a Palavra

"À tua palavra, lançarei as redes"

E aconteceu que, enquanto a multidão se comprimia à sua volta para ouvir a palavra de Deus, Ele estava de pé junto ao Lago de Genesaré e viu dois barcos que se encontravam junto ao lago. Tendo descido deles, os pescadores lavavam as redes. Ao entrar, então, num dos barcos, o que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, ensinava do barco as multidões.

Quando acabou de falar, disse a Simão: «Afasta-te para águas profundas e lançai as vossas redes para a pesca». Respondendo, Simão disse: «Mestre, toda a noite nos afadigámos e não apanhámos nada, mas perante a tua palavra lançarei as redes». Feito isto, apanharam uma enorme quantidade de peixes e as suas redes estavam a romper-se. Fizeram, então, sinal aos companheiros que estavam no outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram ambos os barcos, de tal modo que se estavam a afundar.

Ao ver isto, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador». De facto, o espanto tomou conta dele e de todos os que estavam com ele, por causa da captura dos peixes que tinham feito. O mesmo aconteceu a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.

Disse, então, Jesus a Simão: «Não tenhas medo! A partir de agora serás pescador de homens». E, depois de conduzirem os barcos para terra, deixando tudo seguiram-no. (Lc 5,1-11)

*E aconteceu que, enquanto a multidão se comprimia à sua volta para ouvir a palavra de Deus, Ele estava de pé junto ao Lago de Genesaré e viu **dois barcos que se encontravam junto ao lago**. Tendo descido deles, os pescadores lavavam as redes.*

Vidas atracadas. Os barcos são a imagem da vida a atravessar o mar ameaçador e traiçoeiro para chegar a um porto seguro (cf. Mc 4, 35). Aqui estamos a lidar com vidas agora 'atracadas',

encalhadas, talvez frustradas e desiludidas. Simbolicamente, diríamos uma vida resignada e enfadonha. Porquê? Eles têm uma boa razão, aqueles pescadores trabalharam toda a noite, uma lida infrutífera e infrutífera. Não há resultados dos seus esforços: naturalmente frustração, amargura e resignação, talvez as queixas daqueles que sugeriram outro tempo ou estratégia para trabalhar e não foram ouvidos.

Podemos pensar em muitas das nossas realidades bloqueadas: as considerações sobre o número reduzido de Religiosos, o envelhecimento e redução das vocações, o fosso geracional e cultural, a inadequação e agora impossível manutenção de enormes estruturas, o uso impróprio das redes sociais, o desconforto expresso no abandono da comunidade e por vezes do ministério, são realidades que dificultam a comunicação, a partilha e especialmente o entusiasmo pela beleza da nossa vida. O risco é cair num descontentamento que gera derrotismo e distância da responsabilidade quase uma "apostasia silenciosa".

É surpreendente que nesta situação, enquanto *“a multidão se comprimia à sua volta para ouvir a palavra de Deus”*, a vida dos discípulos não percebe esta questão, não sabem compreendê-la e interpretá-la, não a intercetam talvez porque são demasiado amargos e olham para dentro, **não conseguem ultrapassar a sua autorreferencialidade**. Estes pescadores que estão a lavar as suas redes não se apercebem da multidão de pessoas à sua volta, têm um mal-estar nos seus corações e têm apenas a intenção de lavar as suas redes. Talvez percam o contacto com a realidade.

Ao entrar, então, num dos barcos, o que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, ensinava do barco as multidões.

Uma primeira colaboração: do isolamento ao relacionamento. O que é que Jesus faz perante esta situação? Ele entra num barco, numa vida ancorada, sobrecarregada por uma noite de trabalho inútil.

Antes de mais, ele não julga a situação dos discípulos, nem impõe nada ou resolve milagrosamente os problemas. No seu próprio estilo, Ele aproxima-se, “não mantém a distância”, faz-se presente à situação histórica dos discípulos. A sua é uma palavra que apela à colaboração e

“pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra”. Ele quase pede ajuda para poder agir, não pede tudo, pede para fazer um pequeno gesto que faça sair da inércia e desconfiança, pede para pôr o barco à disposição da sua ação: "Preciso de vós para a minha missão, para a pregação...".

“Afastasse um pouco da terra”: o Senhor é sempre progressivo na sua proposta, ao envolvermos. Ele não começa de imediato a dizer "afasta-te da terra", mas há respeito pelo trabalho de Pedro e dos discípulos, pelo tempo necessário para sair da quietude da amargura.

Parece-me que é isto que o Senhor está a fazer connosco neste momento. Ele não nos pede o impossível, que podemos não compreender, pede-nos um movimento de confiança e de 'sair' da imobilidade, pondo algo à disposição do seu desejo de pregar à multidão que o rodeia. Pede-nos discretamente para nos *“afastarmos um pouco da terra...”* da terra conhecida, que parece ser a nossa segurança e que na realidade nos imobiliza.

Será que ouvimos esta Palavra do Senhor, que é antes de mais em termos do convite, da solicitação, da promoção da nossa liberdade e responsabilidade? **O empenho e a primazia da escuta da Palavra partilhada entre nós como a escolha destes anos** deve colocar-nos nesta atitude de superação da nossa imobilidade, amargura e frustrações para nos colocarmos à disposição daquele que quer continuar a sua Missão em nós. Torna-se, antes de mais, escuta D'Ele e pôr algo à disposição da sua missão. Pedro não disse mais nada senão que se colocar à disposição.

Quando acabou de falar, disse a Simão: «Afasta-te para águas profundas e lançaí as vossas redes para a pesca».

Uma ordem inesperada: da autodeterminação à confiança. Jesus falou às multidões, depois deu uma ordem. A primeira palavra de Jesus tinha sido um convite “*pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra*”, agora, em vez disso, há uma dupla comanda dupla. Dirigido a Pedro “*afasta-te para águas profundas*”, e a todos os discípulos “*lançai as vossas redes para a pesca*”.

Simbolicamente, a Pedro foi proposta uma mudança de critérios na sua própria vida: ele é um pescador e conhece o seu trabalho. Remar, conhecer os tempos do lago, baixar as redes, recolher as redes... A proposta, porém, é que não seja ele a escolher os tempos, a determinar-se a si próprio, mas a confiar num Outro, nos outros.

Há momentos na vida, na viagem de uma província em que a paralisia, documentada por factos e acontecimentos concretos, nos autoriza a ficar presos, a esperar pelos outros, a sentirmo-nos desculpados: neste momento é necessário um salto para uma confiança, uma confiança de fé. Se continuar a analisar-me dentro dos limites do que aconteceu, dentro da experiência conhecida, nada pode desbloquear.

A proposta de Jesus chega-nos através da sua Palavra razoável ou irrazoável? Pode parecer irrazoável porque a experiência adquirida pelos discípulos através da noite e do trabalho duro, a experiência do tempo e do mar que conhecem bem, dir-lhes-ia que a proposta de Jesus seria mais uma frustração: “já tentámos, não é a forma e o tempo eficazes...”.

Mas também pode parecer razoável: Jesus não pede coisas estranhas, para além da profissão e capacidade dos discípulos; pede-lhes que ponham as suas capacidades, os seus conhecimentos, que saiam com o barco e baixem as redes, ele pede o que eles sabem bem e têm experiência em fazer. Mas, aqui está a novidade, ele pede tudo isto quando os discípulos não o teriam feito de acordo com as suas próprias perspectivas, pede-lhes que o façam para além das suas próprias expectativas e avaliações, para além do seu próprio horizonte de paralisia, para além dos tempos e das formas que não consideravam adequadas. **Pede-lhes que vivam com uma nova confiança que os liberta da inércia e os move para irem para o mar e baixarem as suas redes.**

Jesus sabe que autodeterminação, autorreferencialidade, a prevalência do eu sobre a confiança que parece ser uma perda do eu e dos meios de segurança adquiridos. Jesus sabe-o porque teve de superar pessoalmente esta visão de autopromoção nas tentações do deserto e mais tarde “*depois de o ter tentado (o diabo) de todas as maneiras, deixou-o para regressar na altura indicada*” (Lc 4,13). Não serão a Paixão e a cruz a vitória sobre as tentações da autossalvação e a entrega total ao Pai no dom de si aos irmãos? Não é a memória e a proclamação deste evento salvífico a nossa missão carismática na Igreja e no mundo?

Esta é a transição da autodeterminação para a confiança: obedecer de acordo com a etimologia vem da escuta (ob-audire, ou seja, colocar-se sob a escuta). É necessário ouvir uma palavra autorizada e promissora porque sem promessa não há obediência. É uma palavra promissora que me revela bem, que me introduz ao amor porque a obediência é sempre o outro lado do amor.

Aqui pergunto-me se somos capazes, como autoridades e como irmãos, de ser presenças amistosas que despertam autoridade e promessa a um seguimento obediente que nos introduz na beleza da vocação. Talvez as pessoas autoritárias e não autoritárias sejam indispensáveis para nós: a autoridade que vem de um significado que está presente na pessoa. Estou a pensar nos que têm autoridade, nos que têm o serviço da formação, nos que são chamados a governar as comunidades locais...

Respondendo, Simão disse: «Mestre, toda a noite nos afadigámos e não apanhámos nada, mas perante a tua palavra lançarei as redes». Feito isto, apanharam uma enorme quantidade de peixes e as suas redes estavam a romper-se. Fizeram, então, sinal aos companheiros que estavam no outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram ambos os barcos, de tal modo que se estavam a afundar

Uma obediência responsável. «*Mestre, toda a noite nos afadigámos e não apanhámos nada, mas perante a tua palavra lançarei as redes*». Talvez haja outra passagem nestas palavras: da dependência à liberdade.

Pedro mostra-se um homem livre porque dá voz ao que sente; “*toda a noite nos afadigámos...*”. Ele aprendeu a dar às experiências e realidades o nome que elas têm: “*afadigámos... e não apanhámos nada*”. Este caminho é importante. A maturidade começa onde temos a coragem de chamar pelo nome o que experimentamos: o fracasso e a desilusão são os meus companheiros como alegria, gratificação, sucesso, e eles acompanham-me com todo o seu peso. Um risco é o da *mistificação ou da falsificação*. Devo reconhecer que sou uma pessoa que se irrita, que experimenta a tentação, a sensualidade, o orgulho, o uso autorreferencial do poder e das relações, o dinheiro... Não mistificando, mas assumindo estas realidades para as processar e metabolizar. Então, não seremos vítimas delas, nem elas provocarão em nós decisões reativas e exigentes.

“*À tua Palavra*” é um sinal do início da maturidade e da sabedoria para não reduzir a verdade à minha experiência. É verdade que trabalhei toda a noite, trabalhei e não levei nada, mas não sou o único a medir a realidade e a história. Fiquemos surpreendidos com a Palavra de Deus que fala. A Palavra é indispensável para nós.

Existe uma dialética frutuosa. Por um lado, a justa objeção de Pedro, uma noite de trabalho fútil, por outro, a palavra que lhe é dirigida: descolar. É uma dialética frutuosa. A dialética entre a noite do trabalho inútil e a palavra criativa que me é dirigida é frutuosa porque desencadeia o novo, o movimento, a saída.

“*Lançarei as redes*”. Simão lança as redes, não Jesus. A Palavra é do Senhor, é indispensável para nós, recria diariamente os nossos corações, restabelece perspectivas, mas o discípulo lança as redes. Assumimos as nossas responsabilidades de inteligência, de coração, de vontade, de imaginação de afetividade.

É concebível que para Pedro, toda a sua experiência como pescador emerge renovada, recriada pela experiência de dor e encontro que teve com Jesus que subiu para o seu barco e o puxou da sua amarração para a costa. A Palavra de Jesus, contudo, não apagou a sua experiência nem garantiu o sucesso ou a infalibilidade para o futuro. **Tudo é retrabalhado numa atitude de confiança para que a minha vida como discípulo se torne mais incisiva e autêntica.**

Esta atitude **dá origem à colaboração**: o verdadeiro milagre! De pessoas desiludidas e frustradas, de experiências de oposição e encerramento sobre o indivíduo, passamos à colaboração e interação à medida que a palavra eficaz de Jesus é revelada. Eficaz não porque traz sucesso e, portanto, segurança económica ou social, mas porque envolve colaboração e apoio mútuo “*Então, acenaram aos companheiros do outro barco para os vir ajudar. Vieram e encheram ambos os barcos...*”. Só a colaboração, o apoio mútuo, a solidariedade podem dar plenitude aos nossos barcos, às nossas vidas.

Ao ver isto, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador». De facto, o espanto tomou conta dele e de todos os que estavam com ele, por causa da captura dos peixes que tinham feito. O mesmo aconteceu a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.

Aqui Simão manifesta plenamente a sua verdade: “*Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*”. Segundo alguns nesta realização, que não é a exultação do sucesso que obviamente não deixa ninguém indiferente, há a passagem do “eu” para o “eu”. Poderíamos dizer que o eu é o que constitui as nossas relações institucionais, os nossos papéis, tarefas, responsabilidades, trabalho profissional: este é o papel. Podemos viver de acordo com o papel, a imagem a ser dada, alienandonos. Simão faz contacto com o seu próprio eu, o seu próprio mundo profundo, a sua humanidade, a sua fragilidade, as suas luzes e sombras, os medos terríveis que habitam dentro de nós. Descobre o seu

próprio eu em relação à Palavra e à presença de Jesus. Este é o caminho espiritual: a evangelização do profundo.

Não basta evangelizar o comportamento, mas as profundezas do homem, a consciência de que "sou um pecador". O verdadeiro trabalho de evangelização que estabeleço sobre o eu. Aqui medo se sou verdadeiro, sem parar no papel, mas deixando a palavra e a presença do Senhor passar pelas minhas profundezas. Simão realiza esta experiência pascal, a passagem do pecado à graça. **Simão é um curandeiro ferido**

Reflexão

Depois de ter quebrado e de tentar compreender alguns dos significados da mensagem multifacetada que a Palavra dá origem no seu encontro com a nossa realidade humana e histórica através da ação do Espírito Santo, pretendo clarificar o caminho a seguir.

Não gostaríamos que se pensasse que antes de mais estamos a pedir um compromisso moral ou de vontade mais intenso para ultrapassar as dificuldades atuais. Estamos conscientes de que o compromisso moral, sempre necessário e válido, é também parcial e provoca, se insistentemente solicitado, reações de acusação mútua ou posições conflituosas. Gostaríamos de colocar a proposta a um nível diferente, em termos da abordagem da vida consagrada e das visões eclesiais que a sustentam.

"Quando, apesar de muitos esforços, um problema resiste, é um sinal de que as suas fundações estão erradas" (A. Einstein). O problema que resiste é a dificuldade da Vida Religiosa, que entrou numa situação de insignificância na procura de um "modelo significativo". É um sinal de que os fundamentos precisam de ser reiniciados, a abordagem cultural precisa de ser renovada para um desenvolvimento significativo das nossas vidas, avaliando os recursos existentes a serem investidos no serviço à igreja de uma forma carismática. Este exemplo exige a construção de um novo quadro a partir de novos pressupostos ideais, sem perder a intuição original.

- Pede-se à teologia que recupere o frescor evangélico desta forma de vida. Se *"a vida religiosa é uma certa forma de realizar a vida cristã"*, ela deve integrar novos elementos. A teologia da vida religiosa nascida em tempos de *fuga mundi* foi construída ao longo dos séculos sobre uma teologia monástica da espiritualidade, onde o foco preeminente era a ascese em vez do misticismo, a moralidade em vez da espiritualidade autêntica, o sacrifício do dever em vez da vida interior, a salvação da alma em vez da missão. Tal espiritualidade facilitou a imagem de uma Vida Religiosa assimétrica em relação ao mundo e, em certa medida, à Igreja; uma imagem que, em tempos passados, levou à ideia da Vida Religiosa como *"diferente"* e como tal sacralizada, idealizada ou isolada, até ao dia em que a crise que investiu as instituições (congregações, ordens), as despojou da estima que derivava da sacralidade. E hoje, especialmente na cultura dos jovens, esta diversidade soa como *"estranheza"*, reforçando os estereótipos negativos da Vida Religiosa, reais ou presumidos.
- Agora, *"o que" é peculiar à consagração?* No passado, a peculiaridade deste seguimento *"diferente"* de Cristo eram os votos. Hoje, porém, *"podemos perguntar-nos se a tríade clássica dos conselhos evangélicos - pobreza, castidade, obediência - exprime adequadamente o seguimento evangélico de Jesus em diferentes culturas e no nosso tempo? Hoje sentimos que devemos traduzir o nosso compromisso particular em categorias mais próximas do ser humano do nosso tempo, globalizadas e multicêntricas: pode a compaixão, a não-violência, a paz, o respeito pela criação, o compromisso com a vida, a sedução do absoluto, a escolha dos pobres, a fraternidade, etc. exprimir com novos sotaques o que a vida consagrada implica hoje?"*
- Um elemento próprio da Vida Religiosa é a **vida fraterna em comunidade**. A sensibilidade atual não está satisfeita com o valor funcional da comunidade com vista à santificação pessoal ou a uma maior

eficácia apostólica. A fraternidade evangélica é um valor em si mesmo que nem sempre ou necessariamente coincide com os instrumentos externos de comunhão, que por vezes podem ser *"aparelhos sem alma, máscaras de comunhão e não as suas formas de expressão e crescimento"* (NMI 43).

- O que, em vez disso, deve caracterizar hoje a Vida Religiosa é a **dimensão simbólica**. Já a LG 44 se expressava neste sentido: *"A profissão dos conselhos evangélicos aparece como um sinal, que pode e deve atrair eficazmente os membros da Igreja para cumprir com entusiasmo os deveres da vocação cristã". E o sinal para ser evangélico deve ser "claro em vez de grande, decifrável em vez de consistente, convincente em vez de impressionante, atraente em vez de aplaudido, replicável em vez de enfatizado por si mesmo"*.
- O papel do sinal não é apenas o de indicar algo, no nosso caso um valor da radicalidade do discipulado, mas também o de provocar novas encarnações em resposta às novas necessidades das pessoas, aos seus problemas e às suas missões. Já Tillard escreveu: *"Os religiosos não podem viver a atenção para o polo transcendente do Reino e dar testemunho disso se a sua vida humana não puder encontrar a paz interior e a alegria profunda que correspondem à aspiração natural do seu ser. Um Vida Religiosa que ignorasse isto não seria fiel ao mistério evangélico que é o da salvação do homem"*.
- Nas entrevistas com uma amostra significativa de jovens religiosos, a figura clássica da RL como renúncia nunca aparece: todos os entrevistados dizem que entraram na Vida Religiosa não para renunciar a algo, mas para encontrar algo, talvez devido à consciência *"de um núcleo original que não pode ser coartado ou removido ou negado na medida em que é recebido de Deus e, como tal, descoberto, bem-vindo e levado ao seu cumprimento"*. Para Fausti, o futuro do cristianismo é confiado ao testemunho de pessoas ricas em humanidade, liberdade, responsabilidade, simpatia e verdadeiras relações.
- **O momento histórico desafia-nos:** estamos conscientes de que as questões não vêm apenas de nós, mas da Igreja, da humanidade, do contexto social, da cultura. Temos de nos ajudar a superar a autorreferencialidade. As questões mais importantes não são as que provêm de nós próprios, da resolução dos nossos problemas institucionais e estruturais, mas as que nos chegam do Povo de Deus e do mundo: o que esperam de nós para uma proclamação eficaz e credível do Evangelho? Para uma testemunha de fraternidade? Qual é o papel profético da vida consagrada num mundo e numa igreja em rápida mutação? Estamos conscientes de que a missão da vida consagrada não é a autopreservação, mas sim responder aos desafios e sinais dos tempos. Temos de nos perguntar: quais são os desafios mais urgentes
- O Pe. Paolo Asolan, na Assembleia de 2022, provocou-nos dizendo *"Já nos podemos perguntar que lugar ocupa o carisma de que vós sois expressão num modelo de comunhão da Igreja, onde o mais importante não é tanto a afirmação do carisma em si, mas a sua capacidade/possibilidade de animar a vida dos batizados... Se nos limitarmos a afirmar o carisma em si, a preocupação será manter os espaços, as casas, as obras apostólicas, apostando o mais possível nas nossas forças, talvez repondo atividades de tipo tradicional, a que estamos habituados e para as quais fomos formados. Se, por outro lado, afastamos de nós o eixo de interpretação, então há toda uma tarefa de reproposição das nossas práticas, que deve responder não só a uma necessidade de sobrevivência, mas também a um serviço de animação, cujo conteúdo não pode ignorar o povo, o povo de Deus: as suas dificuldades em ter fé, em integrar o mistério da dor e da paixão na sua existência, dos espaços de pregação que se abrem talvez em ambientes onde nunca estivemos, do acompanhamento de situações pastorais em que precisamos de educar à reconciliação e à esperança"*.

Compreendo bem que a reflexão sobre a renovação e o redesenvolvimento da Vida Consagrada não pode ser separada de ser feita dentro de uma eclesiologia de comunhão, uma eclesiologia 'extrovertida' que se deixa desafiar pelo contexto cultural e social do mundo de hoje, que assume

antes de mais a vocação de todos os batizados e caminha com eles, que assume uma missão de (nova) evangelização através da sua própria experiência carismática.

Por conseguinte, a Vida Religiosa deve ser (re)fundada tanto de uma perspectiva teológica, institucional e missionária e, neste contexto, deve ser feita uma revisão e planeamento para o futuro. Reconheço que a minha contribuição é limitada e não aborda todas estas perspetivas sobre as quais refletir e decidir.